



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA OS*
DIREITOS HUMANOS - NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL - EEDH

**EVASÃO E PERMANÊNCIA ESCOLAR DOS
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA EM MEIO ABERTO: UMA MEMÓRIA
ESCOLAR**

JULIANA GONÇALVES MAGALHÃES

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

JULIANA GONÇALVES MAGALHÃES

**EVASÃO E PERMANÊNCIA ESCOLAR DOS
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA EM MEIO ABERTO: UMA MEMÓRIA
ESCOLAR.**

Trabalho de conclusão do Curso de
Especialização em Educação em e para os
Direitos Humanos, no contexto da
Diversidade Cultural.

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Juliana Gonçalves Magalhães, intitulada EVASÃO E PERMANÊNCIA ESCOLAR DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM MEIO ABERTO: UMA MEMÓRIA ESCOLAR, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Professora Doutora Maria do Amparo de Sousa
Professora Orientadora

Professora Doutora Regina Lúcia Sucupira Pedroza
Professora examinadora

Brasília, 20 de novembro de 2015.

SUMÁRIO

1. PROBLEMATIZAÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA.....	6
3. OBJETIVOS DE PESQUISA	8
3.1 - Objetivo Geral.....	8
3.2 - Objetivos específicos.....	8
4. METODOLOGIA.....	9
5. FUNDAMENTAÇÃO	12
5.1 - O adolescente no contexto infracional e seus direitos.....	12
5.2 - As medidas socioeducativas	13
5.3 - A educação nas medidas socioeducativas	16
5.4 - A educação e os Direitos humanos.....	17
5.5 - Desenvolvimento humano e Inclusão	19
6. AÇÕES INTERVENTIVAS.....	21
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	23
8. COMENTÁRIOS FINAIS	38
9. REFERÊNCIAS	40
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	43
ANEXO B: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS ADOLESCENTES EM CONTEXTO INFRACIONAL	44
ANEXO C: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS.....	46

1. PROBLEMATIZAÇÃO

A pesquisa *Perfil e percepção social dos adolescentes em medida socioeducativa no Distrito Federal*, realizada pela Codeplan em 2013, apresenta dados em relação à escolarização dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto que exigem uma investigação rigorosa.

Em relação à educação formal escolar, 46,5% dos adolescentes que cumprem a medida de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) declaram não estar estudando e 9,1% declaram estar matriculados, mas sem frequência à escola. 63,6% deles não têm instrução ou têm ensino fundamental incompleto. Entre os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida, 49,1% não estudam e 7,6% estão matriculados, mas não frequentam a classe. 61,6% dos adolescentes nessa medida não têm instrução ou têm ensino fundamental incompleto.

A necessidade de investigação desse cenário é imprescindível, visto que a educação é elencada como prioridade de trabalho nas legislações que compreendem o trabalho socioeducativo e também é por meio dela que outros direitos passam a ser garantidos. Portanto, para falar de educação em e para Direitos Humanos para os adolescentes em contexto infracional necessita-se pensar na garantia e permanência desse público. Desta forma, quais os fatores associados para a evasão e permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto?

2. JUSTIFICATIVA

A pesquisa em questão tem o objetivo de investigar fatores que contribuem à evasão e permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida em meio aberto, considerando o número expressivo (CODEPLAN, 2013)¹ de evasão escolar entre alunos que cumprem medidas socioeducativas, na expectativa de compreensão desse contexto e apontar caminhos para permanência escolar.

O tema se justifica pela importância da educação escolar para o desenvolvimento da criança e do adolescente em todas as dimensões intelectuais, sociais, afetivas, morais e emocionais (PIAGET, 1998; VYGOTSKY, 1991; WALLON, 1979). Quanto ao marco legal, “educação é direito de todos e dever do Estado” como preconiza a Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente, “do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à educação”.

No caso do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa, a escolarização é prioridade de trabalho com vistas à socioeducação, inclusive prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 119. A frequência escolar também é utilizada pelos juízes da Vara da Infância e Juventude como aspecto favorável à liberação do cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto. Cabe ressaltar, ainda, que a escolarização e a frequência escolar são pré-requisito para cursos profissionalizantes, programas de estágio e menor aprendiz. Sendo assim, a evasão escolar do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa, além de prejudicar sua formação integral, restringe também suas oportunidades de superação por meio da profissionalização e na busca do primeiro emprego formal, constituindo um empecilho para o rompimento da trajetória infracional do adolescente.

Em outras palavras, a falta de escolarização inviabiliza o rompimento dos ciclos de violência vivenciados historicamente pelos adolescentes e a

¹ CODEPLAN, 2013. Perfil e percepção social dos adolescentes em medida socioeducativa no Distrito Federal disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br>

construção de meios para a vida em liberdade, a partir de um padrão de sociabilidade ético e saudável, desafio da política de socioeducação (SILVA, 2012, p. 13).

O projeto será organizado em dois momentos. A fase da pesquisa de campo, de forma a investigar em entrevistas individuais a memória da história escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto e com isso buscar delinear os fatores que levaram à evasão escolar ou à permanência no contexto escolar. No segundo momento, será feita a análise das entrevistas, considerando a legislação sobre a educação e o ECA e as teorias sobre desenvolvimento humano, inclusão e direitos humanos. Buscando nesse conhecimento adquirido, a partir do diálogo dos teóricos com as entrevistas feitas com os adolescentes, estratégias para intervenção nesse cenário, visando uma diminuição da evasão escolar por esses adolescentes.

3. OBJETIVOS DE PESQUISA

3.1 - Objetivo Geral

- Oportunizar ao adolescente refletir sobre si e sua história relacionada à escola, a importância da mesma em sua vida e projeto de futuro;

3.2 - Objetivos específicos

- Investigar fatores que contribuem para a evasão e permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto buscando estratégias de promoção da permanência escolar.
- Identificar fatores que contribuem para a evasão e a permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto; e
- Apontar estratégias para redução da evasão escolar entre os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto.

4. METODOLOGIA

A metodologia adotada na investigação da temática foi a da pesquisa participante, a qual implica necessariamente a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que irá estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa. Não se trata de um simples levantamento de dados, ela exige a participação de todos (pesquisadores e interessados), analisa os problemas no seu contexto e, de forma dinâmica e reflexiva, toma decisões e executa ações.

A pesquisa participante insere-se na pesquisa prática, classificação apresentada por Demo (2000). Segundo esse autor, a pesquisa prática “é ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”. Trabalha na perspectiva da práxis - ação, reflexão, ação - e na perspectiva libertadora, conforme afirmou Freire (1984), onde a “pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta”.

O objetivo deste tipo de pesquisa concentra-se em fornecer aos pesquisadores e sujeitos da pesquisa, os meios de se tornarem capazes de buscar as soluções para seus problemas reais, através de diretrizes de ação transformadora. Também objetiva produzir conhecimentos para uma melhor compreensão dos condicionantes da práxis; para estabelecer mudanças nas práticas profissionais e para a reestruturação de processos formativos (FRANCO, 2005).

Tendo em vista o problema da evasão escolar observado no contexto das medidas socioeducativas de meio aberto, teremos como ponto de partida:

a) Contexto de investigação-intervenção:

Medidas Socioeducativas de Meio Aberto – Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, executadas pelas UAMAS – Unidade de Atendimento em Meio Aberto, em especial a UAMA da Região Administrativa do

Núcleo Bandeirante que funciona no Centro de Referência em Assistência Social do Núcleo Bandeirante. A UAMA dispõe de uma sala para a equipe técnica e uma para atendimento dos adolescentes.

A equipe técnica da UAMA é formada por seis Especialistas socioeducativos, com formação na área de Assistência Social, Pedagogia e Psicologia. Também fazem parte da equipe dois Atendentes Socioeducativos, um Técnico Administrativo, um Jovem Aprendiz, um Assessor Técnico e um Supervisor da unidade.

b) Participantes:

Sete adolescentes entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos, em efetivo cumprimento de medida socioeducativa do meio aberto vinculados a UAMA da Região Administrativa do Núcleo Bandeirante, escolhidos aleatoriamente;

c) Instrumentos de Pesquisa:

Entrevista semi-estruturada, anexo, com os adolescentes sobre relatos de memórias e perspectivas escolares. A entrevista foi realizada durante os atendimentos agendados com os especialistas da UAMA na sala de atendimento. As respostas foram gravadas e transcritas na íntegra.

O método de análise das entrevistas será o de Análise do Discurso, como possibilidade de captar o sentido não explícito no discurso por meio da interpretação da linguagem.

Segundo Piovesan (2006), discurso transcende linguagem, e sua análise é um processo de identificação de sujeitos, de argumentação, de subjetivação e de construção da realidade, onde sentidos são revelados e determinados ideologicamente.

d) Recursos Materiais e Humanos:

A pesquisa se utilizou dos recursos materiais disponíveis na UAMA Núcleo Bandeirante que será a sala de atendimento.

5. FUNDAMENTAÇÃO

5.1 - O adolescente no contexto infracional e seus direitos

Segundo Dornelles (2005), o grande desafio do educador do século XXI é dar conta das infâncias que continuam nos assustando, escapando de nossas redes e desconfiando de nossos saberes e poderes.

Os adolescentes são concebidos como pessoas em desenvolvimento, sujeito de direitos e destinatários de proteção integral (Volpi, 2011). Nessas condições, os órgãos executores e judiciários que englobam as medidas socioeducativas são responsáveis por garantir os direitos decorrentes dessa condição peculiar de desenvolvimento e proporcionar um atendimento socioeducativo que promova sua reinserção social.

Considerando-se a condição de pessoas em desenvolvimento, infere-se que o trabalho socioeducativo deve partir sempre do pressuposto que o adolescente está em formação e precisa de orientação para ser responsável pelas suas escolhas e atos. Desta forma, a educação ocupa papel de destaque no trabalho socioeducativo, visto que é ela a responsável pela orientação da formação do adolescente e sua reinserção na sociedade, como sujeito de direitos e deveres, de forma construtiva, produtiva e participante na sociedade.

A concepção de Proteção Integral, resultou das discussões da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989 tendo como referência os documentos anteriores tais como: as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e Juventude (Regras de Beijing), as Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil (Diretrizes de Riad) e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade. Todos esses pactos internacionais serviram como base para o tratamento do tema na Constituição Federal de 1988 do Brasil e na formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990.

A doutrina da Proteção Integral, de responsabilidade do Estado, da sociedade e da família, prevista na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente, condiciona o relacionamento do Estado em suas esferas com o adolescente em contexto infracional, definindo limites e formas na aplicação da justiça. Segundo Konzen (2007, p. 27), a proteção integral,

não consiste, ao contrário do que apregoava o idealismo menorista, em negar a possibilidade da responsabilização do auto de infração à lei penal, mas no instituir, como pacto entre as nações, a obrigatoriedade da regulamentação da possibilidade de poder resistir à pretensão acusatória de que poderia resultar a aplicação de uma medida ou de resistir à injustiça da medida aplicada.

5.2- As medidas socioeducativas

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define no artigo 103 como ato infracional conduta análoga prevista em lei como contravenção ou crime. Medidas socioeducativas são medidas aplicáveis a adolescentes autores de atos infracionais e estão previstas no art. 112 do ECA. Podem ser sentenciados com as medidas socioeducativas os adolescentes na faixa etária entre 12 e 18 anos, podendo-se, excepcionalmente, estender sua aplicação a jovens com até 21 anos incompletos, conforme previsto no art. 2º do ECA.

O juiz da Infância e da Juventude é o competente para proferir sentenças socioeducativas, após análise da capacidade do adolescente de cumprir a medida, das circunstâncias do fato e da gravidade da infração. No Distrito Federal, a execução das medidas socioeducativas de prestação de serviços à comunidade (PSC), liberdade assistida (LA), semiliberdade e internação é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, por meio da Subsecretaria do Sistema Socioeducativo. Compete à Vara de Execução de Medidas Socioeducativas do Distrito Federal acompanhar e avaliar o resultado da

execução das medidas além de promover ações para o aprimoramento do sistema de execução das medidas.

As medidas socioeducativas possuem um caráter sancionatório, visto que são decorrentes de uma infração, porém o caráter educativo é sobressalente ao punitivo objetivando a proteção integral do adolescente e de ressocialização do mesmo.

O caráter educativo das medidas consiste nas oportunidades de superação da situação de vulnerabilidade e exclusão social, na formação de valores positivos para o projeto de vida pessoal e na sociedade e no envolvimento familiar e comunitário. Também faz parte das medidas socioeducativas o princípio da incompletude institucional, que se caracteriza pela utilização dos serviços prestados pelos órgãos públicos na comunidade tais como saúde, educação, apoio jurídico, trabalho e profissionalização. Desta forma, responsabilizam-se as políticas setoriais juntamente com seus órgãos executores no atendimento aos adolescentes (Volpi, 2011).

As medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente compreendem:

a) Advertência (Art. 115 do ECA)

Uma repreensão judicial, com o objetivo de sensibilizar e esclarecer o adolescente sobre as consequências de uma reincidência infracional. O responsável pela execução é o Juiz da Infância e da Juventude ou servidor com delegação para tal.

b) Obrigação de reparar o dano (Art. 116 do ECA)

É o ressarcimento por parte do adolescente do dano ou prejuízo econômico causado à vítima. O responsável pela execução é o Juiz da Infância e da Juventude ou equipe interprofissional da Vara, por delegação.

c) Prestação de Serviços à Comunidade (Art. 117 do ECA)

A realização de tarefas gratuitas e de interesse comunitário por parte do adolescente em conflito com a lei, durante período máximo de seis meses e oito horas semanais. A responsável pela execução é a Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, por meio

do trabalho desenvolvido nas Unidades de Atendimento em Meio Aberto (UAMAs), com apoio das instituições parceiras.

d) Liberdade Assistida (Art. 118 e 119 do ECA)

Consiste no acompanhamento, auxílio e orientação do adolescente em conflito com a lei por equipes multidisciplinares, por período mínimo de seis meses, objetivando oferecer atendimento nas diversas áreas de políticas públicas, como saúde, educação, cultura, esporte, lazer e profissionalização, com vistas à sua promoção social e de sua família, bem como inserção no mercado de trabalho. A responsável pela execução é a Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, por meio do trabalho desenvolvido nas Unidades de Atendimento em Meio Aberto (UAMAs).

e) Semiliberdade (Art. 120 do ECA)

A vinculação do adolescente a unidades especializadas, com restrição da sua liberdade, possibilitada a realização de atividades externas, sendo obrigatórias a escolarização e a profissionalização. O jovem poderá permanecer com a família aos finais de semana, desde que autorizado pela coordenação da Unidade de Semiliberdade. A responsável pela execução é a Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, por meio do atendimento realizado pelas Unidades de Atendimento em Semiliberdade.

f) Internação (Art. 121 A 125 do ECA)

Medida socioeducativa privativa da liberdade, adotada pela autoridade judiciária quando o ato infracional praticado pelo adolescente se enquadrar nas situações previstas no art. 122, incisos I, II e III, do ECA. A internação está sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. A internação pode ocorrer em caráter provisório ou estrito. A responsável pela execução é a Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, por meio das Unidades de Internação.

5.3- A educação nas medidas socioeducativas

Nas Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e Juventude (Regras de Beijing), quando se fala a respeito do tratamento institucional no item 26.1, o documento afirma que a capacitação e o tratamento dos jovens colocados em instituições têm por objetivo assegurar o cuidado, proteção, educação e formação profissional para permitir que os mesmos desempenhem um papel construtivo e produtivo na sociedade.

Tal orientação no Estatuto da Criança e do Adolescente se apresenta como necessidades pedagógicas no artigo 100. De acordo com Kosen (2007), o pedagógico remete a um campo de conhecimento diretamente vinculado à educação, pois a pedagogia nada mais é do que a ciência da educação que tem como objetivo a reflexão, a crítica e os processos educativos.

A escola, desde o século 17, vem se colocando como a instituição dominante no campo da educação formal, sendo a instituição de base para a educação das crianças e adolescentes. Sendo assim, resgatando o princípio da incompletude institucional nas medidas socioeducativas, parte das necessidades pedagógicas abordadas na legislação recai sobre a educação formal escolar.

O surgimento da instituição escolar, tal como é, coincide com o reconhecimento de uma população específica – a infantil – que precisa ser governada de forma particular já que a mesma se difere dos outros grupos etários (DORNELLES, 2005). Assim, a institucionalização da criança é uma tentativa de educar, moldar, formar e adequar as mesmas para a vida em sociedade. Além dessa questão, porém não alheia a ela, as instituições escolares surgem sempre em uma disputa de controle político e social. A escola que surge dominada pela lógica da ordem e autoridade vai gradativamente sendo substituída por novos valores pedagógicos aflorados pela democratização: respeito à criança, às diferenças, adaptação às necessidades, liberdade, valorização dos interesses individuais entre outros.

A pedagogia escolar, como afirma Caliman (2014), parece estar em uma fase de evolução complexa que está longe de concluir visto que está procurando levar em consideração a diversidade dos alunos e a complexidade do ato

pedagógico no ambiente escolar. No entanto, com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, além dos novos valores pedagógicos que estão em processo de implementação, a instituição escolar ainda precisa aprender a lidar com seu novo espaço dentro da sociedade para além do monopólio da autoridade do saber. Tal fato desafia toda a estrutura da escola: desde a forma como são organizadas as aprendizagens e as avaliações e até mesmo o espaço físico da mesma.

5.4- A educação e os Direitos humanos

Na perspectiva dos Direitos Humanos, o direito à educação se coloca como os direitos humanos ditos de segunda geração que incluem os direitos fundamentais econômicos, sociais e culturais. Sendo assim, o direito à educação é um dos direitos necessários à vida em sociedade. Os Estados continuam sendo os principais provedores dos direitos humanos para garantir a aplicação de direitos num plano nacional, inclusive estabelecendo nas políticas educacionais atuais direcionadas a escola a inserção obrigatória da educação em direitos humanos nos currículos escolares. Reforçando que não se trata de qualquer tipo de educação, mas sim de uma educação de qualidade social como destaca Caliman (2014).

Educação de qualidade social se define como aquela que considera os contextos e as diversidades em que vivem seus integrantes, bem como suas necessidades e expectativas em relação à educação em uma perspectiva emancipatória.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, Resolução n. 04/2010 coloca que “a educação é o direito por meio do qual os demais direitos podem ser garantidos” (BRASIL, 2010), sendo a educação, condição *sine qua non* para realização de direitos em várias dimensões da vida. Portanto, a concepção da escola “exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade” (BRASIL, 2010).

A escola então constitui a instituição por meio da qual os fenômenos da desigualdade e da exclusão podem ser melhor compreendidos e superados. No entanto, precisando ser a escola de qualidade social, conforme definida antes. Isto é, uma escola que considere a diversidade dos contextos e dos sujeitos que os integra, tendo em vista a sua emancipação.

Além do destaque da legislação sobre a importância da educação para os adolescentes em contexto de ato infracional e sua função de qualidade social, a escola já foi apontada em estudos e pesquisas como fator de proteção para os adolescentes. Entende-se como fator de proteção aqueles que diminuem a probabilidade de reincidência ou a gravidade da infração e fatores de risco aqueles que poderiam levar um adolescente a praticar um ato infracional (GALLO E WILLIAMS,2008).

O cumprimento da medida socioeducativa implica o acesso à educação formal. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas devem frequentar o ensino regular. Quando o adolescente estiver fora da escola, a mesma legislação coloca que o orientador socioeducativo deverá encaminhá-lo para o ensino formal.

Apesar da previsão legal, a pesquisa realizada pela Codeplan em 2013² no Distrito Federal, indica um quantitativo significativo de adolescentes no contexto infracional fora do ambiente escolar formal. Os adolescentes em conflito com a lei buscam consequências imediatas para seus comportamentos, então frequentar a escola ou um curso que implicam consequências em longo prazo e comportamento de seguir regras muitas vezes não é visto como atividade prazerosa.

A escola aparece como um local com poucos atrativos para muitos adolescentes, algumas vezes possibilitando apenas o encontro de amigos para uso de drogas e cometimento de outras infrações (ASSIS E SOUZA, 1999).

² CODEPLAN, 2013. Perfil e percepção social dos adolescentes em medida socioeducativa no Distrito Federal disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/>

Na abordagem teórica sobre os problemas da evasão escolar, há autores que explicam o problema em relação aos fatores externos à escola, que compreendem o trabalho, as desigualdades sociais, a relação familiar e as drogas. Já outros explicam em relação aos fatores internos à escola tais como a linguagem e a relação pedagógica estabelecida entre os pares (SOUZA *et al*, 2011).

5.5 - Desenvolvimento humano e Inclusão

Para compreender melhor o fenômeno da evasão escolar e da permanência, é preciso buscar as fundamentações do desenvolvimento humano. O desenvolvimento estuda a trajetória do indivíduo, sua herança e suas experiências e suas perspectivas. Sendo assim, o desenvolvimento é o resultado da interação entre organismo e ambiente e implica transformações sucessivas e permanentes (Kelman *et al*, 2010).

A escola é um local que reúne diversidade de experiências, conhecimentos, atividades, regras e valores. Também é um ambiente que é permeado por conflitos, problemas e diferenças. É nesse espaço institucional físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento humano, mediante as atividades curriculares programadas ou não. O sistema escolar, além de envolver diversos atores, com características e funções diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno.

A concepção de desenvolvimento humano histórico cultural, cuja abordagem é de autoria do psicólogo russo Lev Vygotsky, inova nas teorias de desenvolvimento humano que antes estudavam apenas as relações entre maturidade, aprendizagem, hereditariedade e ambiente, destacando o papel da cultura no desenvolvimento humano, ou seja, na importância da história e da sociedade na formação social da mente humana.

Segundo essa abordagem, no ser humano, há uma continuidade e uma ruptura entre o que é biológico e o que é cultural (Kelman *et al*, 2010), e nessa

relação entre esses dois aspectos é o indivíduo que está em desenvolvimento interage no mundo, dando significados e construindo sua aprendizagem.

A cultura cria formas especiais de comportamento, padrões de linguagem, formação de conceitos e preconceitos que influenciam no indivíduo e ressignificam seus contextos e existência. Segundo Kelman (2010), a cultura pode ser entendida como uma interpretação individual da construção de significados coletivos.

Desta forma, apesar das leis do desenvolvimento serem iguais a todos, os caminhos para o desenvolvimento humano são singulares. Essa singularidade advém das diferenças que as pessoas apresentam: sejam em aspectos físicos, quanto em função de seus hábitos, crenças e valores. A inclusão social vem por meio do respeito dessas diferenças e de forma com que os caminhos para o desenvolvimento não sejam prejudicados e sim garantidos.

No caso dos adolescentes em conflito com a lei, a inclusão social faz sentido uma vez que a mesma provoca a sociedade e a comunidade escolar a repensar estigmas produzidos culturalmente. O problema da violência juvenil está relacionado com o fenômeno da exclusão, que pode acontecer sob diversas formas: cultural, econômica, territorial e étnica (FEIJO E ASSIS, 2004).

Os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa são frequentemente representados como “alunos problemas”, “bandidos” ou “traficantes” no ambiente escolar. Tais estigmas colocam barreiras no desenvolvimento dos adolescentes e acabam gerando a exclusão social dos adolescentes no contexto escolar, agravando a situação de vulnerabilidade.

A superação desses preconceitos na comunidade escolar, além de garantir o cumprimento dos direitos reservados a esses adolescentes, de vedação de qualquer tratamento discriminatório, possibilita sua reinserção social de forma saudável, digna e cria possibilidades de desenvolvimento mediante a criação de uma nova cultura: a da inclusão e do respeito à diversidade.

6. AÇÕES INTERVENTIVAS

O presente estudo pretende ser um conjunto de ações interventivas socioeducativas que devem fazer parte de um projeto maior, integrando vários órgãos que participam do atendimento ao adolescente em cumprimento de medida socioeducativa na Unidade do Meio Aberto do Núcleo Bandeirante.

A entrevista semi-estruturada faz parte da primeira ação interventiva, que é conhecer a memória escolar do adolescente em conflito com a lei e buscar compreender sua trajetória educacional por meio de sua subjetividade e história de vida. Com esse primeiro passo, o problema central, ou seja, a evasão escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, é desvelada à medida que durante a entrevista, são levantados fatores que podem levar à permanência escolar ou à evasão. Tal levantamento possibilita delinear estratégias em diversas frentes de atuação: sistema socioeducativo, educação, comunidade, família e indivíduo.

Durante a realização da entrevista semi-estruturada, é criado um espaço de resgate de memórias e de reflexão sobre a própria história escolar do adolescente em pauta naquele momento, assim a reflexão individual durante a entrevista tem o caráter de uma segunda ação interventiva uma vez que ele provoca o entrevistado a refletir sobre sua fala e suas memórias.

A análise das entrevistas adotou aspectos da análise do discurso, na medida em que trabalhou não apenas com o conteúdo do texto, numa tentativa de buscar o significado inerente a fala que envolve ideologia, história, linguagem. A ideologia enquanto o posicionamento do sujeito que se identifica e ou representa a um discurso; a história com o contexto socio-histórico e a subjetividade do adolescente e por fim, a linguagem que é o texto dizendo o sentido que o sujeito pretende dar. Desta forma, os significados da tríade ideologia, história e linguagem poderão fornecer elementos para repensar a prática socioeducativa com os adolescentes.

Essa reflexão pode pautar a formulação de ações interventivas que podem ser desde oficinas com os especialistas responsáveis pelo acompanhamento

socioeducativo dos adolescentes sobre a temática, apresentando o resultado das entrevistas, até oficinas com a equipe pedagógica das escolas em que os adolescentes estudam.

Representação do Ciclo de Pesquisa	Datas previstas	Atividades
Planejamento	Julho/ Agosto 2015	Elaboração do Projeto;
Implementação	Agosto/ Setembro 2015	Realização das Entrevistas com os adolescentes;
Implementação	Agosto/ Setembro 2015	Realização das Entrevistas com os adolescentes;
Avaliação	Outubro 2015	Avaliação- estudo dos Resultados e elaboração de estratégias investigação-ação, mudança da prática.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

O ponto de partida do presente estudo foi a escuta dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa: sua história, vivências e seus anseios em relação à escola. Paulo Freire (1987) já afirmava que o movimento de liberdade deve partir dos próprios oprimidos e que a pedagogia deve ser construída com eles e não para eles. Desta forma, o momento da entrevista semi-estruturada foi o primeiro passo para coletar dados reais sobre a vivência da escola desses adolescentes.

A escolha da entrevista semi-estruturada em detrimento das oficinas em grupo com os adolescentes foi devido a percepção da equipe multidisciplinar da Unidade de Atendimento em Meio Aberto do Núcleo Bandeirante relativa ao comportamento dos adolescentes em atividades similares realizadas pelos mesmos ao longo dos anos de trabalho socioeducativo. Segundo a equipe, nos atendimentos individuais os adolescentes se expressam mais para a equipe, devido até mesmo a construção de vínculo afetivo com o especialista que o acompanha durante todo o período de cumprimento da medida. Nas oficinas, os adolescentes falam pouco devido a presença de outros adolescentes conhecidos ou não.

Outro fator colocado pela equipe em relação às oficinas é sua baixa frequência comparada aos atendimentos individuais. Como os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa estão em liberdade e são acompanhados no seio da comunidade, quando convidados para atividades em grupos e atividades individuais, tendem a comparecer mais a última do que a primeira. Por fim, a existência de muitos atritos entre grupos rivais, denominado pelos próprios adolescentes como “guerras”, dificulta as atividades de grupos com os mesmos no ambiente de socioeducação.

Desta forma, foi escolhida a entrevista semi-estruturada, que foram realizadas durante atendimento individual com sete adolescentes. Em geral, os adolescentes demonstraram interesse em participar da pesquisa e alguns

chegaram a perguntar a finalidade da pesquisa e se mudaria alguma coisa na escola deles. Tal questionamento demonstra o interesse prático e imediato nos quais os adolescentes, em geral, compartilham.

Os adolescentes participantes tinham entre 17 e 18 anos. Em relação à escola, todos estavam matriculados e frequentes na escola no período da entrevista. Três adolescentes cursando na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, dois no ensino regular e dois em supletivos, sendo um deles público e outro particular.

A diferença do Ensino Regular para o Ensino de Jovens e Adultos foi expressa por um adolescente durante a entrevista, que colocou sua insatisfação com o processo de ensino e aprendizagem:

“eu queria fazer regular, mas eles queriam que eu fizesse eja. então eu fiz eja né. assim ó, eles querem que a gente passe e não ver mais a gente. eu queria regular porque tem tempo de vê as coisas e aprender melhor.”

“mudar o ensino eja pro normal memo. ÓH, tem gente que tem muita dificuldade e precisa de ajuda. as vezes os professores até querem, mas a diretora não quer, quer só abrir vaga nova e liberar a gente ((gesticula fazendo movimento de sair)).”

Já outro adolescente, apontou como principal diferença entre as modalidades a questão do comportamento dos alunos e a quantidade de alunos por sala:

“lá é só o pessoal mais adulto, que vai pra estudar. não tem aqueles moleques que vão só pra bagunçar. a sala não é tão cheia não. umas dez, quinze pessoas.”

Percebe-se também que o nível de escolaridade em relação à idade apresenta certa defasagem idade x série. Dos entrevistados, cinco possuem histórico de evasão escolar. Destes cinco, quatro deles ficaram fora da escola por um período maior que um ano e um por seis meses. O motivo da evasão escolar foi em dois casos dificuldade institucional:

“quando eu mudei e já tava reprovado por falta. eu num gostava de ir para escola, professores chatos saca, já tava com notas baixas e parei de estudar.”

“porque eu fui transferido de escola, aí em uma era um negócio de semestralidade e a outra não, era anual. aí eu tava no segundo bimestre e as matérias eram sete em semestre e sete em outro. Aí em umas matérias eu não tinha nota. Foi muito complicado, puxado, acabei desistindo porque nem se tirasse dez eu conseguia passar.”

Os outros três adolescentes verbalizaram a causa da evasão escolar como:

“AH, vontade de não estudar mesmo.”

“fiquei um ano fora, tava desanimadão saca.”

“ahh (), acho que foi 1 ano e pouco. num aguentava mais ((fala gesticulando muito)), num queria ir de jeito nenhum.”

O discurso dos adolescentes demonstra em primeiro lugar, o quanto os adolescentes ainda esbarram na dificuldade institucional da própria organização escolar. A reprovação pelo número de faltas, apesar de ser retratada na realização das entrevistas por apenas um adolescente nesse aspecto, é algo frequente segundo os especialistas da unidade. Os adolescentes que passam pela medida socioeducativa de Internação Provisória, de no máximo 45 dias, antes de serem sentenciados nas medidas em meio aberto, acabam perdendo o semestre escolar devido a faltas desse período.

Em relação à frequência de faltas, seis dos adolescentes expressaram uma frequência significativa e um expressou desejo em faltar. O motivo da falta foi expresso pela maioria em questões relacionadas a motivação com o ambiente escolar:

“faltava, pra ficar vacilando à toa mesmo. pra dormir. eu reprovei sempre por causa de falta ((risos)).”

“preguiça de ir pra escola memo. eu entrava e logo saía.”

“num queria ir mesmo ou ir pra outro lugar.”

“desinteresse mesmo.”

A questão da falta de motivação com o ambiente escolar também aparece no discurso dos adolescentes quando questionados no que mudariam na escola. As respostas aparecem sempre no sentido de fazer o ambiente escolar um espaço mais interessante e motivador:

“(++) eu tentaria uma forma, tipo (++), como é que fala (+). mais cultura, mais interação com os alunos. pra não ficar muito dentro de sala, só estudando, pra motivar mais. passar trabalho mais interativo, não só livro, dever e trabalho. Acho que motivaria mais.”

“colocar mais intervalo, com certeza. tipo mais tempo para descansar”

“saber dá aula é fazer da aula um parque de diversão. o professor de física é assim, é difícil a matéria, mas ele faz fácil. tem uns que não. também não ia existir diretor, pra ninguém mandar em ninguém.”

“botava mais esporte na escola.”

Em relação às dificuldades em frequentar o ambiente escolar, todas as respostas dos adolescentes também passam pela questão da motivação, independente de classificarem essa questão como dificuldade ou não:

“um pouco. nunca gostei de estudar.”

“eu tinha preguiça ano passado de ir. era uma coisa minha mesmo saca. eu que não queria ir.”

“nunca tive não. já tive de num gostar da escola e não querer ir porque não conhecia ninguém.”

“só falta de vontade mesmo.”

“rum, a dificuldade era eu mesmo querer ir.”

“não, só acordar cedo mesmo deixar a preguiça de lado.”

Porém, os fatores externos, mais motivadores que o ambiente escolar, também aparece no discurso:

“as amizades da rua, pô. a rua não te deixa ir.”

As memórias escolares agradáveis dos adolescentes participantes da entrevista tiveram sempre um foco no ambiente escolar motivador e em que o aluno é valorizado em suas capacidades e potencialidades:

“só quando eu jogava basquete. era o fluxo. jogava no CID Brasília. todo mundo da escola pagava pau para mim.”

“quando eu tava percebendo que tava aprendendo era massa. Eu era muito bom em Matemática.”

Também quando há um esforço significativo dos profissionais da escola com o aluno para superação de dificuldades:

“quando eu fui aprender a lê e escrever, tipo todos já sabiam e eu não. A professora Lígia teve paciência comigo e insistiu até eu aprender.”

Outro aspecto em relação às memórias do ambiente escolar é certa nostalgia que os adolescentes apresentaram no discurso em relação ao ambiente escolar da educação infantil e séries iniciais, onde atividades de artes, cultura, esporte e lazer são mais valorizadas e priorizadas no currículo escolar:

“gostava de fazer desenho, nós ia pra quadra. a professora ensinava as letras.”

“as brincadeiras, gincana na escola, mais antigamente né. Hoje em dia nem tem.”

“quando eu jogava basquete. tinha altos campeonatos, dava pra jogar. ganhávamos até na católica com um monte de escola jogando.”

“foi a festa junina que teve, nós foi dançar quadrilha. quando eu era pequeno também. foi legal.”

Em relação a memória de situações desagradáveis, a maioria das situações citadas se enquadram em violações de direitos dos alunos e seus pares:

“um dia aí, um tarado velho mexendo nas coisas dele e para minha mãe. quase deu pau, mais eu saí da sala e troquei de turma.”

“ahh tipo, e:::u sofria bullying. os moleques zoavam bastante. esse problema que eu tenho na orelha sabe”

“todo preto é suspeito. no colégio é o que mais acontece. tudo o que acontece é culpa minha. eu podia estar dormindo em casa e a culpa era minha. meu caderno de advertência sempre foi cheio. meu braço sempre tinha bilhetinho amarrado para casa.”

A questão da violência aparece no discurso dos adolescentes como brigas, o que também está relacionado ao contexto de violação de direitos:

“quando eu tinha dez, doze anos eu brigava muito ((ri)) e já apanhei também”

“ah, eu querendo brigar com o guarda da escola porque eu não queria descer do segundo andar e ele brigando comigo.”

“quando eu ia para a direção, levar advertência. tem dias que era bagunça, outras brigas.”

Dentro do contexto da violência, o *bullying* está presente no discurso dos adolescentes como algo comum e muitas vezes naturalizado pelos mesmos como brincadeira de criança e coisa de moleque:

“sempre acontece.”

“não. eu já é fiz. AHH. di-re-to brigando com os meninos na terceira e quarta. dava apelido e brincava.”

“eles dava apelido, zoava, coisa de criança mesmo.”

“já sofri e não sofri saca. era brincadeira de moleque. os moleques me chamavam de preto, gordo, feioso.”

“tipo ficar malhando os outros (++) mas nem é bullying. se a pessoa levar para o lado pessoal, é. se levar na esportiva, é brincadeira. tem que saber brincar, ver a hora certa, se a pessoa tá de boa. (++) mas se bem que quando a pessoa tá nervosa é mais engraçado.”

“já zoei muito os meninos. brincadeira besta de criança, colocar apelido.”

Porém, há a percepção das consequências devastadoras do *bullying* na vida de quem sofre:

“ih, quando eu era gordinho, pessoal ficava malhando falando que era gordinho. gente da sala também sofria. acho que quase todo mundo já sofreu né? estranho né. alguém sempre acaba se revoltando com esse tipo de coisa né. que nem teve um caso de um menino que depois entrou na escola e saiu matando todo mundo né. acho que foi em São Paulo isso. acho que ficou marcado na cabeça dele marcando isso.”

Dos adolescentes entrevistados, mesmo os que já foram vítimas de *bullying*, seis declararam que praticaram com seus pares:

“já. mais com os gordos. tomei várias suspensões por causa disso.”

“não, eu já é fiz”

“a mesma coisa, colocava apelido nos meninos tudo”

Um dos adolescentes entrevistados declara não ter praticado, mas sua resposta ao *bullying* seria nos termos da violência, demonstrando a continuidade do ciclo violento no contexto escolar:

A: você já sofreu bullying?

B: se neguinho vir de bullying comigo eu quebro na pancada.

A: você já fez isso com alguém?

B: nunca gostei de fazer isso. que nem neguinho é racista. coisa de moleque isso.

Ainda em relação ao contexto de violência no ambiente escolar, a entrevista buscou investigar o contato dos adolescentes com atos infracionais dentro da escola. Apenas um adolescente declarou não ter tido contato com atos infracionais. A presença das drogas dentro da escola é o mais comum, seguido por furtos e porte de armas de fogo:

“já vi droga, arma. roubo também. uma vez um menino levou um whisky pra escola pra mostrar sabe. era uma garrafa cara. era tipo seiscentos reais. aí os meninos falou com outros meninos lá pra roubar ele e fez.”

“jáaa, demais, tipo droga né. maconha dentro da escola rola demais.”

“até eu já fiz ((ri)). já usei droga e pichei. já vi roubo de celular. mas nunca falei né, não sou cagúete”

“já vi gente usando droga no banheiro, sumia celular do nada.”

“droga, droga, droga. esses dias eu vi as donas pegando papel ((LSD)) para assistir a aula.”

“uso de drogas e armas. e num é só na minha não, tudo quanto é lugar.”

Escola Pra quê?

Ao analisar a função da escola, os adolescentes demonstram ter se apropriado do discurso comum da sociedade: quem não estuda, não alcança sucesso na vida:

“pra aprender mais, ser alguém na vida.”

“pra ser alguém na vida. pra ser gari você precisa ter o terceiro ano sabia? tá difícil a vida, não tem emprego, (...), quem não vai pra escola vira vagabundo.”

“tipo, não sei dizer bem qual tipo de educação. tipo, se eu não tivesse ido pra escola eu não saberia ler, escrever. eu conheço gente que não sabe, meus vizinhos.”

Transparece também, no último comentário, a comunidade da qual o adolescente faz parte, de pessoas com pouco e nenhum acesso ao mundo letrado.

A questão meritocrática também transparece no discurso:

“pra falar a verdade mesmo, pra adquirir conhecimento. só que vai depender de você né. se vai tá lá pra estudar ou pra passear. depende da pessoa.”

Há também, aquele que desconhece a função da instituição:

“AH, sei lá.”

Na entrevista, percebe-se a dificuldade dos adolescentes em visualizarem as possíveis contribuições da instituição escolar em suas vidas de forma prática, mesmo reconhecendo a importância da escola no discurso.

“não ajudou em nada.”

“não me lembro de nada”

“não, nunca senti isso não.” (que a escola fez diferença na vida).

Em relação aos conteúdos disciplinares, as matérias citadas como mais problemáticas foram Inglês, com cinco citações, seguida de Português com dois e Matemática com uma. Matemática também foi apontada como uma matéria boa por dois adolescentes. Quando questionados do motivo da dificuldade, o conteúdo e o professor aparecem como resposta:

“depende da matéria e do professor. português só tem professora chata. quando o professor é legal, aí é de boa.”

“eu aviso pro professor, mas eu num entendo quando ele explica de novo, o trem é complicado demais. eu tive mais dificuldade depois da sexta série, que eu repeti. Antes num tinha dificuldade com o conteúdo.”

O relacionamento com professores da escola foi apontado por três adolescentes como tranquilo e por outros três como conflituosos. A motivação dos conflitos era o comportamento dos alunos em relação às aulas:

“quando pequeno até teve professores bom. lembra que eu falei que era hiperativo então, depois nenhum professor gostava de mim, saca. eu não parava”.

“na escola que estudava ninguém gostava de mim. fazia reunião para falar dos alunos ruins sabe. nessa escola que eu tô tá de boa, tem professor bom que eu gosto.”

Com os outros funcionários da escola, os que mais foram citados foi a direção e vice-direção:

“era até tranquilo, sempre fui brincalhão com o povo da escola. uns gostavam, a diretora num gostava.”

“o vice vivia na nossa cola porque nós vivia aprontando”

Os problemas disciplinares aparecem como raiz dos conflitos com estes funcionários da escola e também com os professores. Todos os entrevistados relatam memórias de problemas disciplinares na escola:

“di-re-to. toda hora.”

“ixe, não conseguia ficar quieto e tomava várias advertências. descobri que tinha hiperatividade.”

“eu tocava o terror né. às vezes eu acho que eu não nasci pra estudar. é muita perdição.”

Quando questionados sobre o que mudaria neles em relação à escola, os adolescentes respondem com o anseio de terem mais motivação no ambiente escolar:

“eu queria estudar mais, aprender”

“pra eu querer estudar mais”

Ou possuir as habilidades que a escola requer tendo em vista o sucesso escolar:

“ser mais esperto né”

“só se for prestar mais atenção”

O incentivo da família com os estudos é unânime entre os entrevistados, caracteriza-se pelo discurso dos pais da importância do estudo e de cuidados diários com atividades como o despertar para não perder o horário das aulas e acompanhamento nas tarefas de casa:

“já, chegava já perguntava do dever, acordava pra ir pra escola, falava que tinha que ir.”

“nó, ela estuda comigo e fica brava quando eu dô o bote.”

“eu tava com febre em casa, com o corpo doído e minha mãe botava o dipirona na bolsa e me mandava pra escola.vai moleque.”

A fala dos pais e dos adolescentes também reproduz o discurso da sociedade que o sucesso financeiro ou empregabilidade é diretamente relacionada a escolaridade do indivíduo:

“com certeza. minha mãe estudou só até a oitava e ganha pouco né. ela sempre fala que é importante.”

“minha mãe sempre falou que eu tinha que ir pra escola senão eu num ia ser nada.”

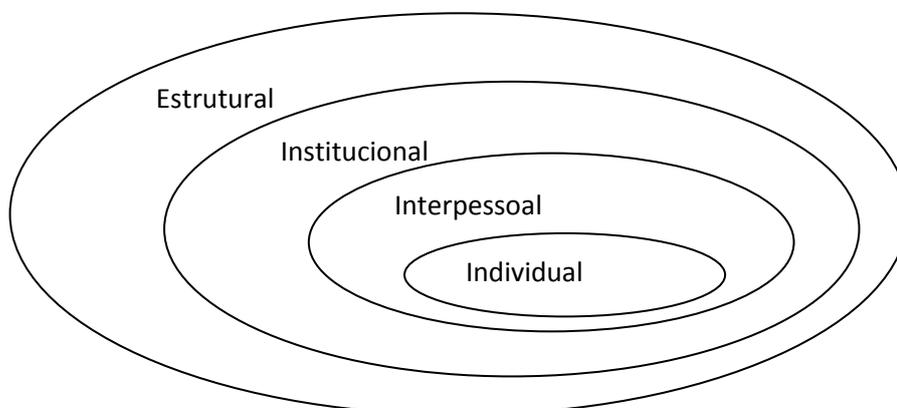
“tú não quer estudar não? Vai ficar burro, não ter emprego.”

Buscando caminhos

Paulo Freire (1987) afirma que é preciso que o educador seja capaz de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo dialeticamente se constituem. Sendo assim, o papel do professor pesquisador ou do profissional pesquisador é abrir justamente um canal de escuta, onde ambos interlocutores estão comprometidos na compreensão da historicidade e da subjetividade do outro.

Durante a realização das entrevistas com os adolescentes, o espaço do resgate das memórias educativas é importante na medida em que os socioeducadores têm a oportunidade de conhecer o contexto em que os adolescentes evadiram ou permaneceram na escola. Esse contexto integrado das

causas da permanência ou evasão escolar pode ser visto em quatro dimensões (CALIMAN, 2014):



Na dimensão individual conseguimos captar toda história pessoal do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa, como se deu seu desenvolvimento e a formação da subjetividade que delineará suas respostas no campo interpessoal e no institucional. Entre os adolescentes entrevistados, conseguimos perceber a questão de algumas patologias diagnosticadas como a hiperatividade e a existência de pequenas deficiências físicas.

No interpessoal, seria o contexto imediato que esse adolescente está inserido, nas interações que o mesmo faz com sua família, grupo de amigos. Nessa dimensão também faz parte o contexto do cometimento do ato infracional e também o contexto de violação de direitos a que o adolescente pode ter sido submetido. Nas entrevistas, há o relato do aliciamento de adolescentes para o tráfico precocemente, a sedução do poder e o acesso fácil ao dinheiro proveniente dos atos infracionais. Também há indicadores de negligências no relato da avó que “não viu” o adolescente pegar o dinheiro que usou para a compra do uniforme, razão pela qual a escola não o deixara permanecer lá.

Apesar de não ser foco da pesquisa, mas importante para compreensão dessa dimensão, durante a roda de conversa feita com a equipe da unidade de atendimento em meio aberto, para exposição dos dados coletados e discussão do trabalho realizado, foi colocado o quanto a sociedade de consumo da própria comunidade em que os adolescentes estão inseridos influenciam no comportamento dos mesmos e no próprio cometimento do ato infracional. Entre

os adolescentes existem marcas de bonés e roupas que representam entre os usuários símbolos de poder e status entre os grupos dos quais eles fazem parte. Também foi citado entre os especialistas, a influência das músicas cujo conteúdo é de ostentação de certos padrões de comportamento de caráter violento, armas e apologia ao crime, denominados de “proibições”.

A sedução desse universo com os adolescentes é feita em um contexto onde os mesmos muitas vezes tiveram seus direitos básicos violados, de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência, conforme preconiza o artigo 7 do Estatuto da criança e do adolescente.

A efetivação do direito, que se dá por meio das instituições formais e informais da sociedade, está na estrutura que delineamos como a dimensão institucional. Além da inquestionável influência das instituições no comportamento e visão de mundo do adolescente, é por meio delas, que os direitos são garantidos ou violados.

Dentro desses direitos, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (Art.53 do ECA, inciso I) se destaca no presente estudo. As políticas públicas do país buscaram muito a inserção das crianças no ambiente escolar como primeiro passo para a garantia desse direito, no entanto pouco se avançou na questão da permanência escolar. Nas entrevistas realizadas, dos sete entrevistados, seis não conseguiram o direito de permanência na escola. Repensar a questões institucionais que causaram a evasão escolar de forma a não prejudicar o adolescente é um caminho a ser trilhado.

Outro caminho para buscar a garantia do direito da permanência da escola é a questão da motivação, apontada pelos adolescentes em diversas questões relativas ao ambiente escolar. Que tipo de escola está sendo oferecida às crianças e adolescentes? A educação como ato de depositar, elucidada por Paulo Freire (1987) também é consciente na fala do adolescente:

“eles querem que a gente passe e não ver mais a gente. eu queria regular porque tem tempo de vê as coisas e aprender melhor.”

“as vezes os professores até querem, mas a diretora não quer, quer só abrir vaga nova e liberar a gente” ((gesticula fazendo movimento de sair)).”

A postura dos representantes das instituições, na figura da diretora, denunciada no discurso do adolescente, pode ter origem nas políticas públicas de educação de caráter quantitativo e que há um descuido com o caráter qualitativo dessas mesmas políticas.

A escola enquanto instituição também é vista pelos adolescentes como algo muitas vezes sem significado em sua vida cotidiana, sem aplicabilidade. A explicação para isso seja talvez porque as instituições escolares historicamente adotaram práticas de invisibilidade e silenciamento juvenil (Caliman, 2014), violando os direitos previstos nos incisos do Artigo 53 do ECA.

Atualmente, a escola se configura como um ambiente autoritário e tradicional, que não acompanhou a mudança da sociedade, de novas metodologias e relações humanas na escola, do papel da cultura, das artes e do esporte, da velocidade das informações e das novas tecnologias. No entanto, há escolas que ainda não conseguem despertar o interesse dos alunos com atividades que tenham relação com a vida cotidiana porque ela também tem dificuldade de encontrar sua identidade enquanto instituição nos dias atuais.

Sobre essa questão, Carnoy citado por Caliman (2014), argumenta que a escola reproduz o que existe e embora possa haver reformas escolares, a função exclusivamente reprodutiva dessa instituição ainda continua inalterada. Desta forma, percebemos a influência da dimensão estrutural, política, econômica e social e também normas sociais que fazem parte da sociedade, na dimensão institucional, que por sua vez influencia as outras dimensões da estrutura proposta por Caliman (2014): interpessoal e individual.

O *bullying*, presente na narrativa das memórias dos adolescentes, também representa uma violação de direitos no ambiente institucional da escola. O mais alarmante no discurso dos adolescentes são os pressupostos de normalização e padronização da intolerância diante da diferença e da diversidade, bem como o despreparo da escola para enfrentar o problema, muitas vezes tendo como

estratégia a “suspensão”, afastando o aluno da escola e da oportunidade de exercitar novas formas de sociabilidade.

No âmbito do normativo, existe a lei 4837/2012 que dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal. Apesar de levantar a pauta dessa questão preocupante, a pesquisa não conseguiu abarcar a complexidade desse tema e investigar como a escola está buscando garantir que essa legislação esteja sendo cumprida visando o desenvolvimento sadio e harmonioso previsto no Artigo 7 do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ainda tendo em vista a garantia de direitos, outra questão levantada nas entrevistas foi o contato com atos infracionais na escola. A presença de drogas ilícitas e armas na escola citadas pelos adolescentes demonstram a fragilidade da instituição em lidar com um problema tão sério e que viola o Artigo 7 do ECA. Existem inúmeras pesquisas que avaliam o uso de drogas entre os estudantes (COTRIM E ROSEMBERG, 1990), porém faltam estudos que avaliem o uso dentro da escola pública e apontem caminhos para a prevenção.

Buscar caminhos para a busca da permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa passa pela análise de estratégias em todas essas dimensões citadas: individual, interpessoal, institucional e estrutural. Culpabilizar a capacidade do aluno pela evasão escolar é reduzir um problema complexo que inclui o contexto infracional em que o mesmo se envolveu, sua situação familiar, a escola que não tem estrutura, professores mal preparados e sem condições adequadas de trabalho e a negação do direito à cultura, esporte, lazer. Enfim, culpabilizar o adolescente constitui a negação de direitos estabelecidos na Constituição e no ECA.

O fenômeno da permanência escolar e o da evasão só podem ser compreendidos quando levado em consideração essa gama de influências. Assim como as soluções estão em alternativas múltiplas visto que o problema passa por comportamentos, histórias e subjetividades.

8. COMENTÁRIOS FINAIS

A pesquisa buscou investigar fatores que contribuem para a evasão e permanência escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto por meio da memória escolar e buscando estratégias de promoção da permanência escolar.

As entrevistas individuais desvelaram muitos conceitos que precisam ser repensados no âmbito escolar. À medida que foi feita a análise dos resultados, foi percebido quantos aspectos do mesmo problema não foram contemplados nas entrevistas tais como a questão da sociedade do consumo, de como a escola trabalha os conteúdos, dos procedimentos disciplinares, do tratamento específico aos alunos que cumprem medida socioeducativa e de como a escola trabalha a questão dos direitos humanos, visto os relatos de *bullying* e preconceito no discurso dos adolescentes. Caberia uma nova etapa de entrevistas, com perguntas que explorassem melhor esses aspectos e fornecesse uma visão mais sistêmica do fenômeno.

Quanto aos objetivos da pesquisa, foi possível apontar caminhos para a promoção da permanência escolar, mas, sobretudo, compreender que não são caminhos únicos, devido a complexidade de influências das dimensões no caminho de cada sujeito aprendiz. Existem fatores que levam a evasão escolar no nível individual, no nível interpessoal, no nível institucional e no estrutural. Repensar a instituição escolar e as políticas públicas educacionais de forma que ela garanta a permanência desse adolescente na escola é investigar esses dois últimos níveis.

Outra questão elucidativa da pesquisa foi compreender que o estudo feito, apesar de ter um público específico, os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, não se restringem a ele. Nas escolas, esses adolescentes são alunos como todos os outros e não devemos usar a medida socioeducativa como forma de diferenciação e exclusão. O direito ao acesso e permanência à escola é

de todos, assim como todos os outros derivantes das legislações correlatas a crianças e juventude.

A experiência de pesquisa no próprio ambiente de trabalho faz com que haja o esforço diário de exercermos a profissão com um olhar mais apurado, de pesquisa, e contribui para a execução das tarefas cotidianas de forma mais crítica e menos burocrática. Com apenas sete adolescentes participantes da pesquisa, ficou a necessidade de realizar a mesma entrevista com todos os adolescentes na unidade, uma vez que os instrumentais de atendimento da unidade não contemplam a complexidade das informações obtidas na pesquisa e que muito podem contribuir para o atendimento socioeducativo e o relacionamento com a rede de atendimento a esse adolescente, na qual a escola é a maior parceira.

A apresentação e discussão dos resultados da entrevista às escolas nas quais os adolescentes estão inseridos são de fundamental importância para a busca dos objetivos da pesquisa. A apresentação do trabalho para os adolescentes também é uma nova etapa da pesquisa a ser planejada. Discutir os resultados com os sujeitos da pesquisa é potencializar os canais de escuta e reflexão das memórias escolares. É na construção coletiva que as estratégias são traçadas, principalmente quando se trata de garantia de direitos. Um desafio grande, mas possível.

9. REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone Gonçalves. SOUZA, Edinilsa Ramos de. 1999. *Criando Caim e Abel – pensando a prevenção da infração juvenil*. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 4 (1): 131-144. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> . Acesso em: 30 jul. 2015.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Braziliense, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1998.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 DE JULHO DE 2010, Seção1, p.824.

CALIMAM, Geraldo (Org.). *Direitos Humanos na pedagogia do amanhã*. Brasília: Liber Livro, 2014.

CODEPLAN, 2013. *Perfil e percepção social dos adolescentes em medida socioeducativa no Distrito Federal*. Brasília, DF. Disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/>. Acesso em: 30 jul. 2015.

CORDOVA, Rogério de Andrade. *Instituição, educação e autonomia na obra de Cornelius Castoriadis*. Brasília: Plano Editora, 2004.

COTRIM, Beatriz Carlini; ROSEMBERG, Fúlvia. *Drogas: prevenção no cotidiano escolar*. Caderno de Pesquisa (74): 40-6, agosto 1990. São Paulo, SP. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 02 out. 2015.

DEMO, Pedro. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas, 1981. 159p.

DORNELLES, Leini Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FEIJO, Maria Cristina; ASSIS, Simone Gonçalves de. *O contexto da exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias*. Estudo de Psicologia 2004. Concórdia, SC. 9 (1): 157-166. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 05 out. 2015.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. 2005. *A Pedagogia da Pesquisa-ação*. Revista Educação e Pesquisa, v.31, n.3, pg. 483-502, set./dez. 2005. São Paulo, SP. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> . Acesso em: 07 ago. 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 34-41.

GALLO, Alex Eduardo; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque: *A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes*. Cadernos de Pesquisa UFSC, São Carlos-SP, v. 38, n. 133, p.41-59, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> . Acesso em: 30 jul. 2015.

KELMAN, Celeste Azulay *et al.* coordenação de Diva Albuquerque e Silviane Barbato. *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB, 2010.

KONZEN, Afonso Armando. *Justiça Restaurativa e ato infracional: desvelando sentidos no itinerário da alteridade*. Porto Alegre: Livraria do Advogado editora: 2007.

PIAGET, J. Para onde vai a educação? 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998.

PIOVESAN, A.M.W. et al. Análise do discurso e questões sobre a linguagem. Rev. X, v.2, p.1-18, 2006.

SILVA, S.C. Socioeducação e juventude: reflexões sobre a educação de adolescentes e jovens para a vida em liberdade. Serviço Social Revista, v. 14, n.2, p. 96-118, 2012.

SOUSA, Antonia de Abreu et al. *Evasão Escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas?* Campo dos Goytacazes/RJ. Revista Vértices, v.13, n.1, p.25-37, jan/abril.2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> . Acesso em: 30 jul. 2015.

VOLPI, Mário (Org.). *O adolescente e o ato infracional*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Vega. 1979.

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem por objeto a escolarização dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Esse projeto está sob a responsabilidade da aluna Juliana Gonçalves Magalhães regularmente matriculada no curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural da Universidade de Brasília – UnB. Esta pesquisa faz parte das atividades para conclusão do curso. As informações coletadas serão utilizadas apenas para fins de estudo e produção de trabalho acadêmico a ser apresentado em sala de aula. Esclarecemos que a identidade dos participantes não será revelada bem como não será divulgada a instituição onde atuam. Assim, caso queira participar, assine abaixo, com a garantia de que o seu nome será mantido em absoluto sigilo, isso também se aplica ao nome da instituição em que trabalha.

Agradecemos pela atenção e participação na realização do trabalho.

Entrevistado (a): _____

Assinatura: _____

Data: _____

ANEXO B: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS ADOLESCENTES EM CONTEXTO INFRACIONAL

Nome: _____

Idade: _____

Série escolar: _____

Situação escolar: () Não matriculado () matriculado e frequente

() matriculado e não frequente

Escola: _____

01.	Como foi seu ingresso na escola? Em qual escola? Como era?
02.	Descreva uma situação agradável que você vivenciou na escola.
03.	Descreva uma situação desagradável que você vivenciou na escola.
04.	Em sua opinião, para que serve a escola? Teve algum momento em que a escola contribuiu em algum aspecto da sua vida?
05.	Você já saiu da escola alguma vez? Por qual motivo? Quanto ficou ou está fora da escola?
06.	Já teve algum problema disciplinar na escola? Se sim, como foi?
07.	Em relação aos conteúdos disciplinares, teve dificuldades? Se sim, com quais disciplinas.
08.	Como era/ é seu relacionamento com os colegas na escola? Tinha facilidade para fazer amigos e se relacionar? Já sofreu <i>bullying</i> na escola? Se sim, conte como foi a situação.
09.	Você já praticou <i>bullying</i> na escola? Se sim, conte como foi na situação?
10.	Como era seu relacionamento com os professores? Descreva exemplos de vivências com os mesmos.
11.	Como era seu relacionamento com os outros profissionais da escola: direção, coordenação, orientação, secretaria entre outros.
12.	Você teve contato com o mundo infracional dentro da escola? Se sim, comente como foi.
13.	Teve alguma dificuldade para frequentar a escola? Se sim, explique qual foi a dificuldade.

14.	Em relação às faltas escolares, costumava faltar pouco ou muito? Por quais motivos?
15.	Se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que seria? E por quê? E se você pudesse mudar alguma coisa em você em relação à escola? O que seria?
16.	Seus pais estimularam você a frequentar a escola? Comente exemplos.
	Agradecimento pela participação na pesquisa.

ANEXO C: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Transcrição B.G.B.A

A: como que foi seu ingresso na escola?

B: quando eu entrei?

A: isso

B: foi inicio de fevereiro desse ano eu acho. eu quis fazer supletivo porque é mais rápido, que eu tava atrasado, pra terminar logo.

A: e como é o supletivo?

B: é tranquilo, de boa.

A: e quando era pequeno, a primeira vez que você entrou na escola. Você lembra?

B: lembro, foi lá na Ceilândia, no prézinho. Era uma escolinha que tinha um parquinho, pouca coisa lembro, (++) mais ou menos isso.

A: você gostava?

B: gostava.

A: do que você gostava?

B: de fazer desenho, nós ia pra quadra. a professora ensinava as letra.

A: e como era?

B: era bom (++)

A: você lembra de uma situação em que você viveu na escola e foi agradável?

B: foi a festa junina que teve, nós foi dançar quadrilha. quando eu era pequeno também. Foi legal.

A: aconteceu alguma coisa de específico ou o momento?

B: não, a situação mesmo que foi legal. porque foi a primeira vez que eu fui na festa junina assim, aí achei legal. todo mundo vestido, dançando direitinho.

A: e teve alguma coisa que aconteceu na escola que foi ruim?

B: você fala em qual sentido?

A: alguma coisa que aconteceu e você ficou chateado, triste ou foi desagradável...

B: (+++) hum, acho que não. (++) num tem nada que aconteceu não.

A: pra você, qual o sentido a escola?

B: pessoalmente?

A: pessoalmente.

B: pra falar a verdade mesmo, pra adquirir conhecimento. Só que vai depender de você né. Se vai tá lá pra estudar ou pra passear. Depende da pessoa.

A: depende o que da pessoa?

B: de cada um, do que quer memo.

A: a escola foi importante em algum momento pra você? Na sua vida?

B: acho que sim. antes eu num tinha muito valor pelo estudo não. Hoje eu tenho mais valor. Antigamente pra mim era só ir pra escola e voltar. hoje eu tenho mais vontade de ir, aprender.

A: porque você acha que isso mudou?

B: a gente amadurece mesmo, cresce de cabeça.

A: mas em algum momento da sua vida, você acha que a escola fez diferença?

B: não, nunca senti isso não.

A: você já ficou algum tempo fora da escola?

B: um ano e meio.

A: por quê?

B: porque eu fui transferido de escola, aí em uma era um negócio de semestralidade e a outra não, era anual. aí eu tava no segundo bimestre e as matérias eram sete em semestre e sete em outro. Aí em umas matérias eu não tinha nota. Foi muito complicado, puxado, acabei desistindo porque nem se tirasse dez eu conseguia passar.

A: era puxado porque você tinha dificuldade com alguma matéria?

B: não, era mais puxado mesmo. O ensino de antes era fraco.

A: você teve algum apoio da escola, algum reforço escolar?

B: teve até umas professoras que tentaram me ajudar, mas num deu não.

A: já teve algum problema disciplinar na escola?

B: já.

A: o que foi?

B: bagunça demais.

A: como assim bagunça? me conta uma situação.

B: xô vê (++), uma vez me pegaram pulando o muro pra sair, outra porque eu pulei pra entrar.

A: como assim pra entrar?

B: só pode entrar até um horário né. aí nós pulou o muro pra entrar e pegar e segunda aula, mas aí pegaram nós.

A: e quando você tinha esses problemas disciplinares, como era resolvido?

B: ah eles ligava para minha mãe lá, conversar.

A: você teve algum problema com algum conteúdo disciplinar?

B: alguma matéria?

A: isso

B: sempre tive com português. inglês também. muito complicado.

A: e facilidade?

B: educação física ((risos))

A: você gosta?

B: gosto. matemática também. só é ruim as fórmulas. mas não é difícil não.

A: e como é seu relacionamento com os colegas?

B: até que é bom, tranquilo. lá é só o pessoal mais adulto, que vai pra estudar. não tem aqueles moleques que vão só pra bagunçar. a sala não é tão cheia não. umas dez, quinze pessoas.

A: mas quando era no ensino regular era diferente?

B: ah, era mais ou menos. muita gente, muita bagunça. aí acaba nem se concentrando às vezes.

A: tinha facilidade para fazer amigos?

B: um pouco

A: você sabe o que significa bullying?

B: é (++), esqueci ((risos))

A: quando você faz aquela brincadeira que deixa alguém chateado, coloca um apelido que magoa...

B: lembrei, sempre acontece.

A: você já sofreu?

B: ih, quando eu era gordinho, pessoal ficava malhando falando que era gordinho. gente da sala também sofria. Acho que quase todo mundo já sofreu né? estranho né. alguém sempre acaba se revoltando com esse tipo de coisa né. que nem teve um caso de um menino que depois entrou na escola e saiu matando todo mundo né. acho que foi em São Paulo isso. Acho que ficou marcado na cabeça dele marcando isso.

A: você já praticou bullying com alguém?

B: ah, devo ter feito sim ((risos))

A: você lembra a situação?

B: lembrar não, mas acho que devo ter feito.

A: como era seu relacionamento com os professores?

B: o de matemática era meio xarope, mas o de química era bacana, o de física também.

A: teve alguma situação em si que você lembra?

B: (++) agora não vem nada na cabeça não. mas deve ter e eu não tô lembrando.

A: e com os outros profissionais da escola?

B: era mais ou menos

A: mais ou menos por quê?

B: o vice vivia na nossa cola porque nós vivia aprontando.

A: o que é ficar na cola?

B: ficar de olho em você, qualquer coisa já acha que é você. qualquer coisa você é culpado.

A: você teve contato com atos infracionais dentro da escola?

B: em qual sentido?

A: você já viu armas dentro da escola?

B: já

A: roubos

B: já

A: o que você já viu?

B: já vi droga, arma. roubo também. uma vez um menino levou um whisky pra escola pra mostrar sabe. era uma garrafa cara. era tipo seiscentos reais. aí os meninos falou com outros meninos lá pra roubar ele e fez.

A: você teve alguma dificuldade para frequentar a escola?

B: um pouco. Nunca gostei de estudar.

A: por que você acha que não gosta de estudar?

B: porque é chato, não é legal.

A: mas quando você era pequeno você gostava. porque você acha que antes era assim e hoje não?

B: era, é porque antes era mais simples. Quando se é novinho é só coisinha mais rasa, número, letra, essas coisas sô. depois vai aumentando matéria, é mais difícil. vai desanimando. agora eu to animando um pouco mais.

A: você faltava as aulas?

B: faltava, pra ficar vacilando à toa mesmo. pra dormir. eu reprovei sempre por causa de falta ((risos)).

A: já estamos terminando. se você pudesse mudar qualquer coisa na escola, o que você mudaria?

B: o que eu mudaria? (+++)pode responder essa depois?

A: pode. Seus pais estimularam você a ir pra escola?

B: já, chegava já perguntava do dever, acordava pra ir pra escola, falava que tinha que ir.

A: se você pudesse mudar alguma em você em relação à escola?

B: agora ou antes?

A: agora.

B: eu queria estudar mais, aprender.

A: e antes? o que você mudaria?

B: parar de faltar, atrapalha demais. hoje faz falta.

A: e o que mudaria na escola?

B: (+++) não sei.

A: tenha seu tempo. Você teria poder pra fazer qualquer coisa.

B: (++) eu tentaria uma forma, tipo (++), como é que fala (+). mais cultura, mais interação com os alunos. pra não ficar muito dentro de sala, só estudando, pra motivar mais. passar trabalho mais interativo, não só livro, dever e trabalho. Acho que motivaria mais.

Transcrição Entrevista E.C.O

A: como foi seu ingresso na escola?

B: agora?

A: na sua primeira escola

B: quando eu era pequeno gostava de ir. (+)

A: pequeno?

B: mais ou menos até a quarta série. depois disso, não queria ir de jeito nenhum.

A: como era essa escola?

B: perto de casa, os professores eram bons.

A: descreva uma situação agradável que você vivenciou na escola.

B: (+++)

A: alguma coisa legal que você viveu...

B: (+) não lembro mais nada. (++) tem tempo já, tanta coisa já passou.

A: e uma situação ruim?

B: humm, não lembro.

A : nenhum momento? qualquer coisa?

B: (++) um dia aí, um tarado velho mexendo nas coisas dele e para minha mãe. quase deu pau, mais eu saí da sala e troquei de turma.

A: sua mãe estuda com você?

B: estuda

A: para você, para o que serve a escola?

B: pra aprender mais, ser alguém na vida.

A: teve algum momento em que a escola contribuiu para algum aspecto da sua vida?

B: não.

A: algum conhecimento que você adquiriu na escola...

B: não me lembro de nada. ((responde inquieto))

A: você já saiu da escola alguma vez?

B: já, um ano.

A: por quê você ficou?

B: AH, vontade de não estudar mesmo.

A: você já teve problema disciplinar na escola?

B: di-re-to. toda hora.

A: que tipo de problema?

B: AH, tipo bagunça, correndo, brigando na escola.

A: e com os conteúdos da escola? Você tem alguma dificuldade?

B: português eu sou bom. matemática eu destruo. inglês, ciências e história eu não sou bom.

A: por que você acha que tem dificuldade nessas matérias?

B: vai entender né (++) é louco né, numas eu sou bom e em outras não.

A: como é seu relacionamento com os colegas na escola?

B: agora é tranquilo.

A: antes não era? por quê?

B: não lembro porque antes não era.

A: você já sofreu bullying?

B: não, eu já é fiz. ((ri))

A: como foi?

B: AHH. di-re-to brigando com os meninos na terceira e quarta. dava apelido e brincava.

A: me conta uma situação dessa...

B: lembro não...

A: e com os professores?

B: de boa.

A: você poderia me contar uma situação?

B: ah, lembro nada.

A: e com outros profissionais da escola? direção, coordenação?

B: tranquilo (+++)

A: e uma situação?

B: ah moça, lembro não. ((ri))

A: você já teve contato com o mundo infracional na escola?

B: jáaa, demais, tipo droga né. maconha dentro da escola rola demais.

A: teve alguma dificuldade para entrar na escola?

B: tive.

A: quais?

B: as amizades da rua, pô. a rua não te deixa ir.

A: por que você acha que isso acontece?

B: não sei ((ri))

A: e faltar a escola? você faltava?

B: ixé, só muito.

A: por quê?

B: preguiça de ir pra escola memo. eu entrava e logo saía. ((ri))

A: se você pudesse mudar alguma coisa na escola...

B: (++)

A: qualquer coisa que você pudesse...

B: ((ri)) que não existisse. ((ri))

A: por quê?

B: é muito ruim estudar. ninguém gosta bota fé. só pra quem quê sê alguém na vida.

A: precisa estudar para ser alguém na vida?

B: precisá, não precisa. mas pra dá certo sabe. Tipo eu tenho uma prima que tá na faculdade, mas é porque lá na casa dela tem a maior pressão, são evangélicos saca.

A: na sua casa não tem pressão?

B: só minha mãe né, eu não tenho pai. Quando eu não quero ir, minha mãe fica braba e vai sozinha. Depois eu copio tudo dela.

A: você mudaria alguma coisa em você em relação à escola?

B: (++) pra eu querer estudar mais.

A: sua família te incentiva a ir para escola e estudar?

B: nó, ela estuda comigo e fica brava quando eu dô o bote.

Transcrição Entrevista E.M.S.P

A: como foi seu ingresso na escola?

B: agora ou quando pequeno?

A: sua primeira vez na escola?

B: foi no CETELBE. tinha 7 anos.

A: como era essa escola?

B: era ótima, tinha muitas professoras que ajudava as crianças. muitas atividades boas sabe.

A: você gostava?

B: gostava sim. (++)

A: me conta uma situação agradável que você viveu na escola...

B: quando eu fui aprender a lê e escrever, tipo todos já sabiam e eu não. A professora Lígia teve paciência comigo e insistiu até eu aprender.

A: e uma situação ruim?

B: briga.

A: como assim?

B: quando eu tinha dez, doze anos eu brigava muito ((ri)) e já apanhei também ((ri)).

A: para quê serve a escola na sua opinião?

B: AH, sei lá. (++)

A: teve algum momento da sua vida que a escola te ajudou em algo?

B: não ajudou em nada.

A: mas e a professora Lígia que você me contou antes?

B: ah, tá. ela sim. tipo a escola serve pra ensinar e ter futuro. Tudo que eu aprendi foi a escola que me ensinou.

A: você já ficou um tempo fora da escola?

B: fiquei um ano fora, tava desanimadão saca.

A: desanimado com o quê?

B: com a escola memo.

A: você teve problemas disciplinares?

B: ixe, não conseguia ficar quieto e tomava várias advertências. descobri que tinha hiperatividade. agora tá mais de boa.

A: e com os conteúdos? as matérias da escola?

B: matemática. sempre tive dificuldade. nunca consegui fazer conta saca.

A: como é seu relacionamento com os colegas?

B: Num tenho muito não. prefiro ficar mais sozinho memo.

A: sabe o que é bullying?

B: sei pô.

A: já sofreu?

B: não.

A: já praticou?

B: ((ri)) já. mais com os gordos. tomei várias suspensões por causa disso.

A: Como era?

B: Eu num fazia sozinho, fazia em grupo, num que gostava de zoar todo mundo.

A: como era o relacionamento com os professores?

B: quando pequeno até teve professores bom. lembra que eu falei que era hiperativo (+) então, depois nenhum professor gostava de mim, saca. eu não parava ((ri)).

A: e com os outros profissionais da escola?

B: na escola que estudava ninguém gostava de mim. fazia reunião para falar dos alunos ruins sabe. nessa escola que eu tô tá de boa, tem professor bom que eu gosto.

A: você já teve contato com o mundo infracional dentro da escola?

B: tipo crime na escola?

A: isso

B: até eu já fiz ((ri)). Já usei droga e pichei. já vi roubo de celular. mas nunca falei né, não sou cagúete.

A: você teve alguma dificuldade de ir pra escola?

B: já.

A: qual?

B: eu tinha preguiça ano passado de ir. Era uma coisa minha mesmo saca. eu que não queria ir.

A: você faltava muito?

B: só ano passado que eu faltava muito.

A: se você pudesse mudar algo na escola, o que seria?

B: se for na escola que tô hoje não mudava nada, lá é perfeito. o único problema são os maloqueiros. o resto é de boa.

A: e em você em relação a escola?

B: ser mais esperto né ((ri))

A: sua família te incentivava a ir para a escola?

B: com certeza. minha mãe estudou só até a oitava e ganha pouco né. ela sempre fala que é importante.

Transcrição Entrevista J.V.A.M

A: como foi seu ingresso na escola?

B: num lembro muito (+). era estranho, eu era calado e não conhecia ninguém. lá era tranquilo.

A: onde era?

B: na Estrutural.

A: era legal lá?

B: era. num tive problema, eu era pequeno também ((ri))

A: me conta uma situação agradável que você viveu na escola...

B: quando eu tava percebendo que tava aprendendo era massa. Eu era muito bom em Matemática, só no começo né. Hoje não. ((ri))

A: como era seu relacionamento com os colegas?

B: Ahh tipo, e:::u sofria bullying . Os moleques zoavam bastante. Esse problema que eu tenho na orelha sabe (adolescente mostra a orelha / a orelha tem um problema de formação).

A: o que eles faziam?

B: eles dava apelido, zoava, coisa de criança memo.

A: que tipos de apelido?

B: num lembro.

A: para que serve a escola?

B: pra tipo ensinar para as pessoas que num sabem.

A: como assim?

B: ensinam a escrever, a dar educação para as pessoas.

A: o que é dar educação?

B: ah sei, lá. (+++) tipo, não sei dizer bem qual tipo de educação. Tipo, se eu não tivesse ido pra escola eu não saberia ler, escrever. Eu conheço gente que não sabe, meus vizinho sabe.

A: você já ficou um tempo fora da escola?

B: acho que não. Sempre fui mesmo.

A: você teve problemas disciplinares na escola?

B: ah já. tava bagunçando e a professora me deu advertência. Da primeira vez eu até chorei sabe, porque eu era pequeno ((ri)). depois levei várias.

A: e qual era o motivo?

B: sempre por bagunça ou matar aula.

A: você tem dificuldade com alguma matéria da escola?

B: português e inglês. É a que menos consigo aprende. Física também, eu num entendo nadinha que o professor fala ((ri)).

A: mas quando acontece isso, o que você faz?

B: eu aviso pro professor, mas eu num entendo quando ele explica de novo((ri)) o trem é complicado demais. eu tive mais dificuldade depois da sexta série, que eu repeti. Antes num tinha dificuldade com o conteúdo.

A: como é seu relacionamento com os colegas?

B: é de boa, agora na escola que eu tô eles conversam, são de boa. Em outra escola, num era assim.

A: você tem facilidade para fazer amigos?

B: tenho sim.

A: já sofreu bullying?,

B: já, aquela história que te contei antes.

A: é mesmo, desculpe.

A: e você já praticou?

B: ((ri)) Já zoei muito os meninos. brincadeira besta de criança, colocar apelido.

A: e seu relacionamento com os professores?

B: me do super bem com eles. eu vou lá, converso, tiro dúvida, pergunto, falo que não tô aprendendo. Eles são de boa.

A: e com os outros profissionais? Tipo direção, coordenação...

B: é de boa também. Converso e conheço todo o pessoal.

A: você teve contato com o mundo infracional dentro da escola?

B: já vi gente usando droga no banheiro, sumia celular do nada. Mas nunca participei.

A: já teve alguma dificuldade para frequentar a escola?

B: nunca tive não. já tive de num gostar da escola e não querer ir porque não conhecia ninguém.

A: você faltava às aulas?

B: um pouco.

A: por qual motivo você faltava?

B: desânimo, preguiça. pra ficar em casa mesmo. não sô de ficar na rua.

A: se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que seria?

B: colocar mais intervalo, com certeza. Tipo mais tempo para descansar.

A: sua família te incentivava a ir para escola?

B: AHH, sempre. minha mãe sempre falou que eu tinha que ir pra escola senão eu num ia ser nada.

A: obrigada pela participação na pesquisa.

B: de boa. ((fala inquieto))

Transcrição Entrevista R.F.G

A: como foi sua entrada na escola?

B: pequeno?

A: isso

B: tranquilo. de boa.

A: como assim, me explica?

B: sempre dei trabalho na escola, sempre fui expulso, desde pequenininho. era o jardim de infância da 14. uma vez eu tava voltando da escola porque eu não tinha uniforme. a mulher não tinha deixado eu entrar porque eu tava sem uniforme.

passou um carro e deixou cair um monte de nota. eu peguei sem minha mãe ver ((a mãe é a avó paterna)) e quando cheguei em casa dei o dinheiro pra ela. ela comprou o uniforme e eu fiquei sem nada, voando.

A: você queria o dinheiro para você?

B: claro né.

A: mas não foi pro seu uniforme?

B: é ((ri)), mas não vale.

A: você lembra de alguma situação agradável que você viveu na escola?

B: só quando eu jogava basquete. era o fluxo. jogava no CID Brasília. todo mundo da escola pagava pau para mim ((ri)). depois que eu entrei nos corres , me perdi.

A: como assim se perdeu?

B: comecei a ver dinheiro demais e empolguei. agora não dá mais pra voltar.

A: por que não?

B: ((ri))dá até que dá, mas é que sou preguiçoso e dá desânimo até de pensar.

A: e alguma situação desagradável?

B: todo preto é suspeito. no colégio é o que mais acontece. tudo o que acontece é culpa minha. eu podia estar dormindo em casa e a culpa era minha. meu caderno de advertência sempre foi cheio. meu braço sempre tinha bilhetinho amarrado para casa. quando minha mãe via, o pau comia. depois ela ficava com dó e vinha adular.

A: pra que você acha que serve a escola?

B: pra ser alguém na vida. pra ser gari você precisa ter o terceiro ano sabia? tá difícil a vida, não tem emprego e o pouco dinheiro que tem a Dilma rouba. quem não vai pra escola vira vagabundo. Porra, toda escola que eu ia a diretora era doida comigo.

A: por que?

B: eu tocava o terror né. às vezes eu acho que eu não nasci pra estudar. é muita perdição. você vê os colegas e já faz os esquemas pra tomar as catuabas, sair dar os rolés.

A: você falou da diretora , você teve muitos problemas com ela?

B: só vários ((ri)). só esses dias que a diretora me botô para correr. ela não deixou eu voltar pra escola no horário da manhã e me transferiu pra noite porque eu tive problema com uns professor. minha mãe nunca gostou que eu faltasse. eu

tava com febre em casa, com o corpo doído e minha mãe botava o dipirona na bolsa e me mandava pra escola.vai moleque.

A: que problema você teve com o professor?

B: a última eu só falei um a pro professor e ele foi embora e nunca mais voltou para escola.

A: como assim? Que a você falou?

B: rapaz, ele me colocou pra fora da sala e eu fiquei sabendo que ele ia me dar advertência. aí eu cerquei ele no vácuo e perguntei: você vai me dar advertência porque? ele que disse que não ia, mas se ele fosse dar, qual seria o problema. aíh eu respondi que eu ia rasgar na cara dele. se eu tiver culpa eu até penso em baixar a cabeça, mas se eu não tiver, eu não baixo a cabeça não, tá doido.

A: você teve ou tem problema com as matérias?

B: eu sou hiperativo sabe. num consigo ficar quieto e parar. não tem como tirar nota ruim não. só se não fizer nada. eu faço meus corres, às vezes até os outros fazem trabalho pra mim ((ri)). tive problema na aceleração. eu era novato e tive contato com os pivetes da semi ((Medida socioeducativa de Semiliberdade)). Eu nem fazia corre naquela época. Aí os desgramados que me botaram no mau caminho, comecei a ver dinheiro e empolguei né.

A: quantos anos você tinha?

B: acho que 12 anos e chegava em casa de moto e com cinco mil no bolso. Os polícia é doido comigo. desde moleque sempre fui atentado.

A: você tem facilidade para fazer amigos e se relacionar?

B: isso aí é fácil. Tem as mina e tal ((ri))

A: você já sofreu bullying?

B: se neguinho vir de bullying comigo eu quebro na pancada.

A: você já fez isso com alguém?

B: nunca gostei de fazer isso. que nem neguinho é racista. Coisa de moleque isso.

A: e o relacionamento com os professores?

B: agora tá bom. os professores estão gostando de mim. eles não dão trabalho pra mim e eu não dou pra eles.

A: e com os outros funcionários da escola? Está tranquilo?

B: ((ri)) só tenho problema com a diretora, o resto tá.

A: por que com elas?

B: em todas as escolas elas que me expulsaram.

A: você teve contato com o mundo infracional dentro da escola?

B: droga, droga, droga. esses dias eu vi as donas pegando papel ((LSD))para assistir a aula.

A: você teve alguma dificuldade para frequentar a escola?

B: só falta de vontade mesmo.

A: como assim falta de vontade?

B: tem tempo que você não quer saber da escola, é fase mesmo.

A: mas o que você tinha vontade?

B: ficar na rua mesmo e resolver outras coisas, fazer os corres.

A: em relação as faltas, você disse que não faltava...

B: não, minha mãe pegava no pé, só vontade mesmo.

A: se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que seria?

B: eu mudava era tudo. botava só professor gente boa, que é legal e sabe dá aula.

A: o que é saber dar aula?

B: saber dá aula é fazer da aula um parque de diversão. o professor de física é assim, é difícil a matéria, mas ele faz fácil. tem uns que não. também não ia existir diretor, pra ninguém mandar em ninguém.

A: sua mãe te estimulava a ir para a escola?

B: sempre. debaixo de chuva e doente. que nem te contei já.

A: obrigada pela participação.

Transcrição Entrevista R.G.S.

A: como foi seu ingresso na escola?

B: primeira escola?

A: isso

B: ixi, entrei chorando ((ri)) mas era divertida (+++)

A: como assim divertida? me conte mais..

B: com os amigos, as brincadeiras. em casa pegava a mochila e queria ir pra escola. quando chegava lá, queria voltar.

A: você lembra de uma situação agradável que você viveu na escola?

B: as brincadeiras, gincana na escola, mais antigamente né. Hoje em dia nem tem.

A: e uma desagradável?

B: certas atitudes de funcionários.

A: como assim?

B: ah, eu querendo brigar com o guarda da escola porque eu não queria descer do segundo andar e ele brigando comigo. ficava gritando AFF.

A: mas o que aconteceu?

B: a gente se encarou, mas num deu briga não.

A: você acha que a escola serve pra quê?

B: ensino, educação.

A: a escola te ajudou em algum aspecto da sua vida?

B: sim, o negócio do eja. eu queria fazer regular, mas eles queria que eu fizesse eja. então eu fiz eja né. assim ó, eles querem que a gente passe e não ver mais a gente. eu queria regular porque tem tempo de vê as coisas e aprender melhor.

A: você já ficou fora da escola um tempo?

B: ih, já.

A: Quanto tempo você ficou?

B: ahh (), acho que foi 1 ano e pouco. num aguentava mais ((fala gesticulando muito)), num queria ir de jeito nenhum.

A: o que aconteceu nessa época?

B: num tinha tempo e paciência memo. trabalhava, já chegava atrasado e cansado. se bem que sempre a culpa é do trabalho né, mas num era só isso. minha mãe insistia pra voltar pra escola, má eu voltava, passava uma semana e saia de novo.

A: tinha problemas disciplinares na escola?

B: tipo advertência? essas coisas?

A: isso.

B: fui expulso uma vez. briguei com um menino, acho que foi por causa de menina. mas deu porrada ((ri)).

A: e como eram com as matérias da escola?

B: se era bom ou ruim?

A: qual você gosta, tem facilidade ou dificuldade...

B: ih, mal no português e inglês sabe. as outras são tudo falta de vergonha mesmo na nota baixa. eu gosto é de matemática, mesmo se a aula fosse ruim e chata eu gostava de ficar lá.

A: e com os amigos? tinha facilidade para fazer amizade?

B: era bom, tinha sim.

A: já sofreu bullying?

B: já sofri e não sofri saca. era brincadeira de moleque. os moleques me chamavam de preto, gordo, feioso.

A: e você já praticou?

B: nó,

A: como era?

B: a mesma coisa , colocava apelido nos meninos tudo.

A: como era o relacionamento com os professores?

B: (++) ((olha no celular))

A: era tranquilo, tinha conflito?

B: era, só num gostava de alguns. má era porque eu num gostava da aula e queria vazar.

A: e com os outros profissionais da escola?

B: era até tranquilo, sempre fui brincalhão com o povo da escola. uns gostavam (+) a diretora num gostava.

A: por que ela não gostava

B: atentado demais. aí já viu. ((ri))

A: você já teve contato com o mundo infracional dentro da escola?

B: já, era pouco. agora aumentou demais.

A: o que você vê?

B: uso de drogas e armas. e num é só na minha não, tudo quanto é lugar.

A: você teve alguma dificuldade para frequentar a escola?

B: rum, a dificuldade era eu mesmo querer ir.

A: você faltava as aulas?

B: só um poucão ((ri))

A: por que você faltava?

B: num queria ir mesmo ou ir pra outro lugar.

A: se você pudesse mudar alguma coisa na escola, qualquer coisa, o que seria?

B: tipo presidente ou diretor?

A: isso, qualquer coisa.

B: o ensino.

A: como assim o ensino?

B: mudar o ensino eja pro normal memo. ÓH, tem gente que tem muita dificuldade e precisa de ajuda. as vezes os professores até querem, mas a diretora não quer, quer só abrir vaga nova e liberar a gente ((gesticula fazendo movimento de sair)).

A: e você acha que o ensino normal ajudaria como?

B: tempo para aprender, com calma né. tem gente que trabalha, fica cansado, num dá pra fazer rápido, na pressa.

A: sua família te incentiva a frequentar a escola?

B: sempre.

A: como eles te incentivam?

B: falava que eu tinha que ir pra escola e estudar.

A: obrigada pela participação, espero que você tenha gostado.

Transcrição Entrevista R. J. F.L

A: como foi a primeira vez que você entrou na escola?

B: sei lá. mó estranho. não conhecia ninguém. depois foi de boa. a escola era lá no recanto, era bonitinha até. o lanche que era bom quando eu era pequeno. hoje nem lanche tem mais.

A: você lembra de uma situação agradável que você viveu na escola?

B: quando eu jogava basquete. (++)

A: como era?

B: tinha altos campeonatos, dava pra jogar. ganhávamos até na católica com um monte de escola jogando.

A: você jogou durante muito tempo?

B: joguei até 17 anos, parei porque não tem mais campeonato na minha idade.

A: e alguma situação desagradável que você viveu na escola?

B: quando eu ia para a direção, levar advertência.

A: por qual motivo?

B: tem dias que era bagunça, outras brigas.

A: qual é a função da escola na sua opinião?

B: reforçar o aprendizado, conhecer novas pessoas, interagir. (++)

A: ela já ajudou você em alguma situação da sua vida?

B: hum (+++), sei lá, no conhecimento? A lê e escrever.

A: você já passou algum tempo fora da escola?

B: já, seis meses.

A: por qual motivo?

B: quando eu mudei e já tava reprovado por falta. eu num gostava de ir para escola, professores chatos saca, já tava com notas baixas e parei de estudar.

A: você já teve problemas disciplinares?

B: normal, só bagunça mesmo. já fui expulso de uma escola da Ceilândia, aprontava demais.

A: o que é aprontar?

B: aprontar é ficar conversando, discutir com professor.

A: você teve problemas com os professores?

B: depende da matéria e do professor. português só tem professora chata. quando o professor é legal, aí é de boa.

A: por que português só tem professora chata?

B: eu lá sei ((ri))

A: você tem facilidade de fazer amigos?

B: sou mais na minha, mas conheço um bocado de gente.

A: você já sofreu bullying?

B: não.

A: e já praticou?

B: pô ((ri)), acho que já.

A: como era?

B: tipo ficar malhando os outros (++) mas nem é bullying.

A: como assim?

B: se a pessoa levar para o lado pessoal , é. se levar na esportiva, é brincadeira. tem que saber brincar, ver a hora certa, se a pessoa tá de boa. (++) mas se bem que quando a pessoa tá nervosa é mais engraçado ((ri)).

A: como é seu relacionamento com os professores?

B: é boa. nem falo muito (+) uns eu falo.
A: fala sobre o que?
B: falo sobre a matéria.
A: e com os outros profissionais da escola?
B: com a coordenação o povo é muito folgado.
A: como assim? me explica mais...
B: só quer as ideia dele, mandão demais. as tia da limpeza que é de boa, eu gosto de trocar umas ideias com elas.
A: você já teve contato com o mundo infracional na escola?
B: não.
A: você já teve alguma dificuldade para frequentar a escola?
B: não, só acordar cedo mesmo ((ri)) deixar a preguiça de lado.
A: você faltava muito as aulas?
B: ih, demais
A: por qual motivo?
B: desinteresse mesmo.
A: e você ficava fazendo o que nesse horário?
B: ficava em casa de boa, jogava basquete na quadra, ficava na pista de skate.
A: se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que seria?
B: sei lá (++)
A: pode se qualquer coisa, que você ache que seria melhor...
B: botava mais esporte na escola, montava times porque tem mais gente.
A: e o que você mudaria em você?
B: essa é mais difícil ((ri)). (++) só se for prestar mais atenção.
A: você acha que você não presta muita atenção?
B: acho ((ri))
A: seus pais estimularam você a ir para a escola?
B: sim
A: como? O que eles falavam ou falam?
B: tú não quer estudar não? Vai ficar burro, não ter emprego. ((ri))
A: você concorda com isso?
B: pô, é verdade né.